



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOSELY DAYSE CAVALCANTI RODRIGUES DA COSTA VELOSO

AS CELEBRAÇÕES DE FINADOS E A PÓS-MODERNIDADE

Guarabira – PB, 2016

JOSELY DAYSE CAVALCANTI RODRIGUES DA COSTA VELOSO

AS CELEBRAÇÕES DE FINADOS E A PÓS-MODERNIDADE

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a): Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses

Guarabira – PB, 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V432c Veloso, Joselly Dayse Cavalcanti Rodrigues da Costa
As celebrações de Finados e a Pós-modernidade. [manuscrito]
/ Joselly Dayse C. Rodrigues da C. Veloso. - 2016.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Joedna Reis de Meneses,
Departamento de História".

1. Religioso. 2. Pós-modernidade. 3. Indústria Cultural. 4.
Valores. 5. Dia dos mortos. I. Título.

21. ed. CDD 200

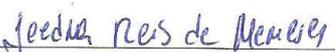
JOSELY DAYSE CAVALCANTI RODRIGUES DA COSTA VELOSO

AS CELEBRAÇÕES DE FINADOS E A PÓS-MODERNIDADE

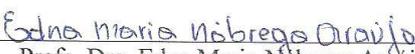
Monografia apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovada em: 23/05 /2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora



Prof. Dra. Edna Maria Nobrega Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora



Prof. Dra. Susel Oliveira da Rosar
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar Deus, por estar presente em todos os momentos de minha vida, me ajudando e me dando forças para prosseguir.

Aos meus avôs maternos, pais de criação e do coração, Antônio Barbosa Cavalcanti e Lucila de Lira Cavalcanti, pelo incentivo que me deram, desde a minha infância, a me dedicar aos estudos, essa foi a única herança que poderiam deixar para um futuro melhor (In memoriam).

A meu esposo George Hamilton, sem a sua compreensão não poderia realizar tal feito.

Aos meus filhos José Veloso Neto, George Filho e Diógenes Állisson, pelo incentivo a prosseguir na vida com sonhos e objetivos.

Enfim, a todos os que de uma maneira ou de outra fazem parte de minhas lembranças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a realização deste trabalho, primeiramente, a DEUS o meu criado, protetor, Salvador e meu melhor amigo por todas as bênçãos que Ele tem me concedido.

À amiga e vizinha Especialista em História, Advogada e Oficial de Justiça Adriana Vasconcelos de Miranda Rocha, pela força e pela escolha do curso.

As vizinhas de todos os momentos e situações, Tamires Viturino de Oliveira, Maria Aparecida Viturino de Oliveira e Tativânia Viturino de Oliveira, por estar sempre presentes em minha vida e prontas para me ajudar no que eu necessitar.

À amiga Ozana Araújo, que conheci durante o curso, pelo apoio e pela ajuda que me deunesses quatro longos anos de faculdade.

À Kaline Maria Rolim, que casou e teve uma linda menina *Lara*, atrasou seu curso, mas não abriu mão de tirar a foto na nossa placa.

À Sirlaine Cristina, que me ajudou muito nessa longa caminhada.

Ao Alexandre, o papai dos gêmeos, garoto esforçado e sempre sorridente.

À Maria da Guia, que prefere ser chamada de Ionara.

Ao Daniel Torquato e a Paula Maria, o casal do qual nasceu a linda mascotinha da nossa placa, a bela Dara Torquato.

À Paula Cristina, a turista, que mesmo tendo sido minha “inimiga secreta” me deu um lindo presente.

Ao Leniraldo, o briguento da turma, mas amigo de todos em todas as horas.

À Palmira, que é uma grande amiga, e esteve presente na hora que mais precisei.

À Ana Paula, a que estava sempre muito ocupada, mas nunca deixou de apresentar suas partes nos seminários do nosso grupo.

À Idaiana, inteligente e sempre alegre mesmo estando doente.

Ao Robson, o gênio e dono de casa responsável.

Ao João Paulo, o aluno mais quietinho da turma.

Ao Joeldson, vulgo “Mamão”, turista, veterano e sexólogo da turma. Até que enfim terminasse o curso, não é Mamão?

À Isabel, a boa atriz da turma com sua dupla jornada universitária.

Ao Williams, o fujão de seminários e bom conhecedor de política.

À todos nossos ex-professores:

À professora Serioja Mariano, a elétrica, experiente e sábia.

Ao professor Ruston Lemos, o “bicho papão”, que na verdade não o enxergamos assim.

Ao professor Gilvan, o sapeense que pega de surpresa para fazer trabalhos.

Ao professor Genivaldo, professor de Filosofia, Sociologia e Educação. O que é Educação?

Ao professor Martinho, que não deixou ninguém insatisfeito.

Ao professor Roberto Jorge, que passou por nossas vidas como um sonho, relâmpago.

Ao professor Nonato, o evangélico e tranquilo do quadro de docentes.

Ao professor Carlos Alberto, que gosta que a turma participe.

À professora Joana, professora de Psicologia, muita saúde e que Deus a abençoe.

À professora Telma, que se utiliza de vocabulários científicos para ministrar suas aulas.

À professora Mariângela, que é uma discípula de Teoria.

À professora Mônica, a que nos dava paz e tranquilidade em suas aulas.

À professora Nayana Mariano, a irmã da professora Serioja Mariano.

À professora Marisa Tayra Teruya, excelente professora, sábia e humilde, cheia de grandes virtudes (in momoriam). Saudades da amiga, jamais me conformarei com a perda.

Ao professor Fabrício Moraes, que procurou nos ajudar de todas as formas.

Ao professor Juvandir pelas suas palavras rudes, pois, a crítica também constrói.

À professora Luciana Calissi, apressadinha e sempre com uma enorme pilha de materiais, mas, acima de tudo, gente finíssima de primeira categoria.

À professora Silvana, que sempre estava muito ocupada com sua Pós-Graduação.

À professora Édna, que poucas aulas nos deu e pouco convivemos, mesmo assim deixou sua marca.

Ao professor Josemar, um dos únicos que tinha consciência do quanto nós gastávamos e nos dava uma trégua. Sempre nos fornecendo as apostilas do seu próprio bolso. Obrigada.

Ao professor Carmelo, que não tinha tempo nem para fazer suas refeições. Desejo que onde estiver encontre-se bem de saúde.

Ao professor Genes, muito inteligente e religioso.

À professora Neide, uma professora de luxo, conhecedora e segura naquilo que faz. Boa sorte na sua jornada de trabalho.

À professora amiga de todos, Maria Lisboa Ribeiro pela humildade, tranquilidade, compreensão e paciência a qual dedica a todos nós.

À professora Joedna Meneses pela orientação e apoio na hora certa.

Às professoras Susel Oliveira e Edna Nóbrega pelo aceite de participação na banca, muito obrigada!

Enfim, ao meu digníssimo esposo GEORGE HAMILTON e aos meus três filhos JOSÉ VELOSO, GEORGE FILHO e DIÓGENES ÁLLISSON, por me ajudarem em todos os aspectos nesta jornada universitária.

E, especialmente àqueles que me deu todo carinho e amor ao longo de toda a minha vida, meus avós maternos: LUCILA DE LIRA CAVALCANTI e ANTÔNIO BARBOSA CAVALCANTI (in memoriam).

“O lugar da arte tornou-se nele incerto. A autonomia que ela adquiriu, após se ter desembaraçado da função cultural e dos seus duplicados, vivia da ideia de humanidade. Foi abalada à medida que a sociedade se tornava menos humana.” (Theodor W. Adorno),

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar as mudanças que o dia dos mortos, feriado religioso cristão, vem sofrendo na pós-modernidade. Queremos investigar qual a influência da indústria cultural nessa transformação. Para isso, elegemos duas obras, *Modernidade Líquida* e *Indústria Cultural*, de Zygmunt Bauman e Theodor Adorno, respectivamente, para balizar a pesquisa. A indústria cultural vem solapando o significado de diversos feriados religiosos, tais como o Natal e a Páscoa. A liquefação dos sólidos valores modernos remodelam a cultura tradicional. Os modelos antigos são substituídos pelos descartáveis e nada tem resistido a essa correnteza feroz. O consumismo capitalista, que dentre outras transformações proporcionou o que Bauman conceituou como a fragmentação pós-moderna, é, provavelmente, a base para entendermos a mudança na estrutura do feriado religioso. A partir da discussão marxista acerca da base econômica e do modo de produção, tentaremos refletir sobre o movimento pós-moderno. Conceitos e teorias econômicas, filosóficas e sociológicas podem interagir para dar uma resposta suficientemente científica e plausível para a fluidez axiológica. A leitura social a partir de tais perspectivas pode traçar um panorama do atual paradigma. Não só isso. Pode explicar objetivamente questões como a que será investigada: a fragmentação dos valores e costumes. O dia dos mortos servirá, por fim, como laboratório no qual analisaremos o momento ápice em que os valores e costumes seculares de nossa identidade nacional abismaram frente à voracidade do capitalismo. E, assim, possivelmente, vislumbraremos a transição e a remodelação da cultura, a implosão de antigos valores, a liquefação de outros e a redefinição dos alicerces mais firmes.

Palavras-chave: Religioso. Pós-modernidade. Indústria Cultural. Valores. Dia dos mortos.

ABSTRACT

This work aims to analyze the changes that the day of the dead, Christian religious holiday, is suffering in postmodernity. We want to investigate the influence of cultural industry in this transformation. For this, we chose two works, *Modernity Net* and *Cultural Industry*, Zygmunt Bauman and Theodor Adorno, respectively, to guide the search. The cultural industry is undermining the significance of various religious holidays such as Christmas and Easter. Liquefaction of solid modern values refashion traditional culture. The old models are replaced by disposable and nothing has resisted this fierce current. The capitalist consumerism, which among other changes provided that Bauman conceptualized as postmodern fragmentation is probably the basis for understanding the change in the religious holiday structure. From the Marxist discussion of the economic base and mode of production, we will try to reflect on the postmodern movement. Concepts and economic, philosophical and sociological theories can interact to give a sufficiently scientific and plausible answer to the axiological fluidity. The social reading from such perspectives can give an overview of the current paradigm. Not only that. Can objectively explain issues like that will be investigated: the fragmentation of the values and customs. Day of the Dead will finally as a laboratory in which we analyze the peak time values and secular customs of our national identity abismaram against the voracity of capitalism. And just possibly we catch sight transition and remodeling of culture, the implosion of old values, the liquefaction of others and the redefinition of firmer foundations.

Key words: Religious. Postmodernity. Cultural industry. Values. Day of the Dead.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
PERSPECTIVAS TEÓRICAS	11
MODERNIDADE LÍQUIDA, A TEORIA DE ZYGMONT BAUMAN	12
INDÚSTRIA CULTURAL, DE THEODOR ADORNO.....	14
GÊNESE: O DIA DOS MORTOS	15
TRADIÇÃO E PROFANAÇÃO DO SAGRADO	16
FINADOS E CONSUMISMO	17
INDÚSTRIA-CULTURAL: TRANSFORMAÇÃO DO PARADIGMA	20
REDEFINIÇÃO DO DIA DE FINADOS	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as transformações que o capitalismo impôs ao feriado religioso do dia de finados. O dia de finados que já esteve mais vinculado a um momento de reflexão das famílias em relação a seus mortos foi transformado, pelo menos parcialmente, em um feriado comercial. Temos a intenção de avaliar como o impacto da pós-modernidade mudou certos valores religiosos em valores econômicos de mercado. Para isso, elegemos como mediadora as obras *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman, e *Indústria Cultural*, de Theodor Adorno, além de obras relacionadas.

O interesse em analisar a nova configuração que o sistema capitalista conferiu ao dia de finados surgiu com a percepção histórica dessa mudança. A saber, o dia de finados para as antigas famílias tradicionais representava o que era instituído pela igreja, o momento reservado para que os entes queridos pudessem refletir, lembrar e chorar pelos seus mortos. Os valores, aparentemente, mudaram. Isso, evidentemente, acompanhado de picos de lucro em vendas de velas, grinaldas, flores e estadias.

O consumismo capitalista, que dentre outras transformações proporcionou o que Bauman conceituou como a fragmentação pós-moderna, é, provavelmente, a base para entendermos a mudança na estrutura do feriado religioso. A partir da discussão marxista acerca da base econômica e do modo de produção, tentaremos refletir sobre o movimento pós-moderno. “O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, político e intelectual de maneira geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, seu ser social determina sua consciência” (MARX apud EAGLETON, 2011b, p.17). Ou seja, a influência econômica do capitalismo remodela espaços como o religioso. Para Stuart Hall, famoso teórico cultural jamaicano:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que tiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (2011, p.88)

Para analisar todo esse processo, elegemos as teorias de Zygmunt Bauman e Theodor Adorno já que ambos enriqueceram os estudos sobre a cultura e os valores. A fragmentação da sociedade e a liquidez das relações sociais no mundo contemporâneo são fenômenos estudados por eles, fatos fundamentais para nossa pesquisa. As obras *Modernidade Líquida*,

de Zygmunt Bauman, e *Indústria Cultural*, de Theodor Adorno, serão importantíssimas para raciocinarmos o empreendimento capitalista denominado globalização e sua interferência nos paradigmas tradicionais e, concomitantemente, a mercantilização do dia de finados.

Modernidade Líquida, de Zygmunt Bauman – sociólogo polonês de tradição marxista, nascido em 19 de novembro de 1925 –, é um estudo relevante acerca dos fundamentos da pós-modernidade. A mais rica inferência teórica do autor nessa obra está na imagem que associa a pós-modernidade a fluidez dos líquidos, conclusão tirada da dinâmica pós-moderna: um paradigma sem definição, transitório. A pós-modernidade tem como principal característica ser fluida. “Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’...” (BAUMAN, 2001, p.8). “A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de leveza” (BAUMAN, 2001, p.8). Arremata Bauman: “Essas são razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade” (BAUMAN, 2001, p.9). A pós-modernidade é a história da fragmentação e da fluidez dos valores.

As obras de outro importante autor, Theodor Wiesengrund Adorno, nascido em Frankfurt no ano de 1903, e que contribuiu decisivamente para o ressurgimento intelectual da Alemanha pós-segunda-guerra, são, para essa pesquisa, fundamentais bases teóricas. O conceito de “indústria cultural”, por exemplo, esclarece as relações da superestrutura com o atual paradigma. Filósofo de tradição marxista, Adorno é um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Para essa monografia, o livro *Indústria Cultural* nos dará subsídios conceituais para abordarmos a relação entre o mercado, a sociedade de consumo e a tradição. Optamos por essa abordagem por crermos que os conceitos legados por este autor são, para essa pesquisa, suficientes para demonstrar as mudanças do antigo para o atual paradigma. O conceito de “indústria cultural” poderá explicar, mesmo que secundariamente, já que não é esse o principal propósito, algumas das patologias sociais contemporâneas, isso porque “a indústria cultural continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes promete” (ADORNO, 2002, p.21). Almejamos extrair desse conceito uma explicação plausível para a transformação do tradicional dia de finados religioso em um feriado comercial.

No século em que o privado colonizou o público, conceitos como liquidez, fluidez e indústria cultural enriquecem os estudos sobre a pós-modernidade. O processo de reificação a que o indivíduo é submetido e, inversamente, o fetichismo dos produtos de mercado são procedimentos do sistema capitalista globalizado. Assim como é o capital que move o mundo

pós-moderno, dentro desse mundo a superestrutura (a religião, por exemplo) se molda sua imagem e semelhança.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A necessidade de várias perspectivas teóricas é justificada por entendermos que a transformação do espaço religioso, *a priori* determinada pela economia capitalista, obriga, por causa de sua complexidade, um maior embasamento conceitual. É preciso verificar as múltiplas dimensões do fato social e, nesse caso em especial, o difícil emaranhado entre religião e economia.

Não podemos fazer isso a partir de uma única teoria, caso fizéssemos correríamos o risco de empobrecer a visão do fenômeno ou minimamente entendê-lo. Aliás, a tradição que se liquefaz por influência do paradigma pós-moderno é um breve retalho de todo um tecido que se descostura.

Conceitos e teorias econômicas, filosóficas e sociológicas podem interagir para dar uma resposta suficientemente científica e plausível para a fluidez axiológica. Os conceitos de base econômica, superestrutura e indústria cultural e a relação entre elas, de Karl Marx e Theodor Adorno, mais estudos referentes à pós-modernidade, de ZigmuntBauman, poderão auxiliar a compreensão da dinâmica transformacional do dia de finados.

O que, possivelmente, era mais sólido na modernidade, a tradição de cunho religioso e sua vertente popular, foi engolido pelo mercado. “São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta.” (BAUMAN, 2001, p.14). A mesma economia globalizante que transforma as superestruturas nacionais também reifica o homem, criando uma identidade falida. Por isso a multidisciplinaridade. Um estudo menos profundo esbarraria na superfície das mudanças, deixando incompleta a análise da profundidade do abismo escavado pelos gigantes sistemas financeiros.

O sociólogo polonês ZygmuntBauman, nascido em 1925, produziu possui uma extensa pesquisa publicada, destacam-se: *Modernidade Líquida*, *Amor líquido*, *Medo líquido* e *Modernidade e holocausto*. O livro *Modernidade Líquida* principia uma análise que será ampliada nos livros seguintes referente à fluidez e à fragmentação da modernidade. No prefácio dessa obra o autor justifica o termo “modernidade líquida”, para ele, a liquidez da pós-modernidade é fruto da deterioração dos sólidos modernos. Veremos em Adorno que os costumes e tradições foram absorvidos e ressignificados pela indústria cultural.

A contribuição da obra de Theodor Adorno a esse trabalho será no sentido de oferecer ferramentas que possam ajudar na averiguação da ruína das antigas identidades culturais. Nas palavras de Stuart Hall “a globalização ameaça solapar as identidades e a ‘unidade’ das culturas nacionais” (2011, p.5). Um dos conceitos mais importantes para nossa investigação, a indústria cultural, deverá, assim almejamos, apontar como as técnicas do capitalismo sabotam e cooptam as remanescentes identidades culturais.

A leitura social a partir de tais perspectivas podem traçar um panorama do atual paradigma. Não só isso. Podem explicar objetivamente questões como a que será investigada: a fragmentação dos valores e costumes. O dia dos mortos servirá, por fim, como laboratório no qual analisaremos o momento ápice em que os valores e costumes seculares de nossa identidade nacional abismaram frente à voracidade do capitalismo.

MODERNIDADE LÍQUIDA, A TEORIA DE ZYGMONT BAUMAN

Se para Marx tudo que é sólido desmancha no ar, a partir da modernidade e depois na pós-modernidade, para Zigmunt Bauman, o sólido se liquefez. No livro *Modernidade Líquida*, Bauman tece considerações importantes sobre alguns conceitos que, veremos, são fundamentais para entendermos as particularidades da sociedade pós-moderna: liquidez, fragmentação, tempo e espaço. Assim, segundo o pensador: “o que aconteceu no século XX foi uma passagem de toda uma era da história mundial, ou seja, da sociedade de produção para a sociedade de consumo”. (BAUMAN, 2011)

Essas mudanças no paradigma são indicativas de um processo que culmina em uma geração sem referências claras. O degelo deixou como herança para a sociedade pós-moderna a sensação de um presente em eterna transição, de um horizonte ártico interminável e sem norte, nem sul, a impressão de uma fina e perigosa camada de chão, de um espaço e de um tempo em que não há como parar e descansar. Leiamos Bauman:

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável. (2001, p.10).

Contudo, a modernidade, apesar de ter conseguido dar cabo a seu projeto de derretimento dos sólidos, não conseguiu ganhar novos contornos. Se há algum padrão, é o da fluidez. Essa é também a conclusão a que chega Bauman no fragmento que se segue:

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. (2001, p.14).

A pós-modernidade é o aprofundamento de rasuras que se iniciaram com a modernidade. O capitalismo não respeita limites, aliás, qualquer barreira que impeça seu avanço na busca desenfreada por lucros é rapidamente implodida. Nesse novo projeto de demolição, o mercado abateu seu último obstáculo: o homem e suas identidades nacionais. É nessa perspectiva que surgem os sites de relacionamento, melhor exemplo da fragmentação das relações humanas. Como laboratório, as redes sociais são demonstrativas de como os institutos humanos mais primitivos e primordiais para a formação dos grupos e das sociedades, a exemplo da amizade, ganharam novos significados. Mas esses não foram os primeiros sólidos a derreterem, é o que explica o trecho adiante:

Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas. (BAUMAN, 2001, p.10)

A consequência é que “as aflições mais comuns dos ‘indivíduos por fatalidade’ nos dias de hoje são não-aditivas, não podem ser ‘somadas’ numa ‘causa comum’.” (BAUMAN, 2001, p.44). A conclusão é que o homem pós-moderno é, também, um ser fragmentado. E assim, arremata Bauman:

A única vantagem que a companhia de outros sofredores pode trazer é garantir a cada um deles que enfrentar os problemas solitariamente é o que todos fazem diariamente – e portanto renovar e encorajar a fatigada decisão de continuar a fazer o mesmo. Talvez possa-se também aprender da experiência de outras pessoas a como sobreviver à nova rodada de ‘redução de tamanho’ (downsizing); como lidar com crianças que pensam que são adolescentes e adolescentes que se recusam a se tornar adultos; como pôr a gordura e outros ‘corpos estranhos’ indesejáveis ‘para fora do sistema’; como livrar-se de um vício que não dá mais prazer ou de parceiros que não

são mais satisfatórios. Mas o que aprendemos antes de mais nada da companhia de outros é que o único auxílio que ela pode prestar é como sobreviver em nossa solidão irremível, e que a vida de todo mundo é cheia de riscos que devem ser enfrentados solitariamente. (2001, p.45)

A pós-modernidade é, pois, para o indivíduo, um lugar incerto e sem referências. Provavelmente por isso, achamos tão comum um espaço que era de meditação e de prostração, já que era o lugar de reminiscências fúnebres e familiares, tornar-se o lugar da celebração e do encontro para compra e venda. Nossos símbolos culturais estão na pós-modernidade a mercê do cambio do mercado.

INDÚSTRIA CULTURAL, DE THEODOR ADORNO

Uma das principais transformações da qual o século XX foi testemunha, a liquefação das identidades nacionais, está relacionada com a colonização do espaço público pelo privado, ou seja, a dissolução e substituição do projeto Panóptico, de Jeremy Bentham, pelo eficiente controle do totalitarismo difuso. Para tanto a indústria cultural tem um papel essencial: é a fundação que mantém tudo isso em pé. Como na mitologia do rei Midas, o capitalismo transforma tudo que toca, não em ouro como no mito, em objetos descartáveis de valor contestável.

O dia de finados, uma tradição de origem escatológica, foi, assim como a páscoa e o natal, absorvido pelo calendário comercial. O processo de alienação da memória religiosa é fruto da influência do capitalismo. Interessante sobre esse novo comportamento social que deixou de tratar as antigas liturgias como sagradas e agora a exhibe nas prateleiras da mercearia é o que diz Terry Eagleton:

No entanto, como Nietzsche nos advertiu, matamos Deus, mas escondemos o cadáver e insistimos em nos comportar como se ele ainda estivesse vivo. O pós-modernismo nos exorta a reconhecer que não perderemos nada com o desmoronamento dos alicerces, exceto nossas correntes. Agora podemos fazer o que queremos sem ter que ficar empurrando toda bagagem metafísica pesada e desajeitada a fim de nos justificarmos. Tendo despachado nossa bagagem, liberamos nossas mãos. (2011a, p. 90)

As instituições mais sólidas, a exemplodas igrejas, estão vendo o desmoronamento de seus dogmas milenares, e a demolição de suas antigas catedrais dão lugar a templos colossais de livre concorrência que pregam a teologia da prosperidade. “Mas a novidade consiste em

que os elementos inconciliáveis da cultura, arte e divertimento, sejam reduzidos a um falso denominador comum, a totalidade da indústria cultural” (ADORNO, 2002, p.18)

As identidades culturais nacionais, pois, com pouca ou nenhuma resistência, tornaram-se um produto de mercado descartável, e com raríssimas exceções, de má qualidade. Porque “o mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural” (ADORNO, 2002, p.10), assistimos ao fenômeno da repetição *ad infinitum* das pseudoletas e melodias do forró eletrônico, ao advento dos vampiros de luz no cinema e datapioca para viagem no comércio *fastfood*.

GÊNESE: O DIA DOS MORTOS

A data religiosa do “dia de finados” ou “dia dos mortos” é um feriado da tradição católica cristã, apesar de sua origem remontar às sociedades pagãs. É comemorado no dia 02 de novembro. Nesse dia, familiares e amigos próximos seguem uma liturgia de peregrinação até os cemitérios onde seus entes estão sepultados. O momento é de resignação e reflexão. Parentes rezam e acendem velas em um tom cerimonioso e de prostração. A cultura popular mais interiorana ainda hoje, mas até aí é preciso mitigar, é a principal fonte dessa memória que o capital paulatinamente apaga, ou melhor, substitui.

As raízes dessa tradição não estão muito claras na historiografia, sendo encontrados registros dessa prática desde a sociedade céltica. A data comemorativa dessa civilização, por exemplo, parece ter sido reutilizada pelos católicos alguns séculos mais tarde. Muitos são os vestígios que comprovam essa ligação, como, por exemplo, a antiga tradição do uso de aboboras nas sociedades anglo-saxônicas, como é o caso dos Estados Unidos da América. Provavelmente o que não sobreviveu à propagação do tempo foi o motivo da celebração. Para aquele povo mais antigo, os rituais significavam a passagem de um ciclo, um reencontro feliz com seus mortos e o momento para o pedido de perdão.

Já o culto moderno é encarado através de um prisma mais fúnebre, sombrio e de resignação. O dia de finados para a sociedade ocidental é a data guardada para que os católicos meditem, intercedam, chorem e rezem pelas almas de entes queridos.

Essas duas tradições assemelham-se na busca por uma mediação entre o homem e sua transcendência.

Os dias 31 de outubro e 01 de novembro eram para a sociedade céltica o fim e o início de um ciclo. A explicação está na agricultura. Esses dias coincidem com o fim do período da colheita e início do frio inverso europeu. Para aquela civilização, esses dias de transição eram

dias de proximidade espiritual com os mortos. Já na mitologia cristã, o dia de finados é instituído pela igreja no século XIII. Ficando o dia primeiro de novembro reservado para comemoração do dia de todos os santos e o dia dois de novembro para a celebração do dia de finados. Evidentemente que antes disso encontramos relatos católicos dessas celebrações. Santo Odilon, já em 998 dC, pedia aos monges do mosteiro de Cluny, na França, que orassem pelos mortos. A dissidência entre a mitologia pagã e a mitologia católica ocidental deu-se no domínio, ou seja, na postura frente ao fato. Observemos que enquanto os celtas festejavam o dia, nossos contemporâneos, herdeiros dos dogmas católicos como a penitência e o pecado, adornaram o dia de maneira funesta.

Uma breve catalogação da origem de algumas tradições pode ser interessante para ampliar ainda mais a percepção das múltiplas gêneses desse feriado.

Nos países anglo-saxônicos o costume de enfeitar abobora é explicado a partir da cultura céltica. Os caminhos eram iluminados por abóboras esculpidas. Acreditava-se ser necessário clarear o caminho dos mortos até a casa dos seus parentes para que não se perdessem.

A palavra “halloween” tem provável origem etimológica na palavra “hallowinas”, denominação dada às guardiãs femininas do saber oculto da Escandinávia.

O costume de “doces ou travessuras” é originária da tradição medieval denominada “souling”, que consistia em sair de casa em casa pedindo “soul cakes” (bolo de alma), uma oração para os mortos era feita por cada bolo (feito de pão com groselha) ganho.

No México, ainda hoje, há uma preparação que culmina em uma grande festa com música, comida e bebida, nos dias um e dois de novembro.

Já no Japão, comidas são deixadas nos túmulos e as portas das residências são iluminadas para mostrar o caminho às almas, no fim das comemorações, as lanternas são jogadas nos rios para revelar a esses parentes seu caminho de volta.

TRADIÇÃO E PROFANAÇÃO DO SAGRADO

O capitalismo mercantilizou a tradição, a cultura, a arte, e liquefez, nos termos de Zigmunt Bauman, toda a criação humana. No seu lugar fez surgir espaços vazios facilmente preenchidos por tradição, cultura e arte recicláveis. A cultura de massa é perpetuamente desconstruída e construída seguindo o ritmo da descartabilidade. A cultura tornou-se uma massa gelatinosa de contornos definidos pela indústria cultural. Assim, afirma Marx:

Não é apenas o trabalho que é dividido, subdividido e repartido entre diversos indivíduos, é o próprio indivíduo que é fragmentado e metamorfoseado à maneira automática de uma operação exclusiva de sorte que se ache realizada na fábula absurda de Menenius Agrippa, que representa um homem como fragmento de seu próprio corpo. (MARX apud COLLIN, 2008, p. 61)

Podemos representar o capitalismo como sendo o próprio instinto animalesco do homem. Por isso o seu apetite voraz, destrutivo e insaciável. O homem, assim, perde sua identidade. Sua individualização é mais um processo de perda do que de ganho. Sobre a fragmentação pós-moderna, pondera Bauman:

Para poder construir seriamente uma nova ordem (verdadeiramente sólida!) era necessário primeiro livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores. ‘Derreter os sólidos’ significava antes e acima de tudo eliminar as obrigações ‘irrelevantes’ que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e a densa trama de obrigações éticas; ou, como preferia Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o ‘nexo do dinheiro’. (2001, p.10)

Sagrados antigos são decompostos para serem comercializados mais facilmente. É o que aconteceu, por exemplo, com o natal, com a páscoa e agora com o dia de finados. É necessário um alto investimento das mídias e das empresas para transformar valores pertinentes ao sagrado em objetos manobráveis e valorado pelo mercado. O sagrado primordialmente não é coisa, no sentido jurídico de bem apropriável, isso porque está intimamente ligado ao axiológico e ao escatológico, o que é um impedimento, já que são alicerces profundos do homem. Mas até o sagrado, consumido pelo intenso bombardeio da surdina abertura globalizante, rendeu-se ao capital. A criação cultural, inclusive o religioso com todos os seus feriados e celebrações, desmoronam perante a máquina incansável da compra e venda. O dia de finados, nesse contexto, perde sua motivação. Não é mais o dia de reminiscência e sim o dia da festa e do feriadão. Desvincula-se da sua gênese uma vez mais. Sua existência, agora, está intimamente ligada ao seu fim capital: o lucro.

FINADOS E CONSUMISMO

No longa-metragem, *O advogado do diabo* (The Devil's Advocate, 1997), o diálogo entre Jhon Milton (o diabo interpretado por Al Pacino) e Kevin Lomax (o advogado interpretado por Keanu Rivees) exterioriza bem a pós-modernidade e o processo transformacional da superestrutura. Transcrevo o texto abaixo:

John Milton: - Pra quem você carrega todos esses tijolos? Deus? É isso? Deus? Vou te falar, deixe-me lhe dar uma pequena informação confidencial sobre Deus. Deus adora olhar. Ele é um brincalhão. Pense bem. Ele dá ao Homem instintos. Ele lhe dá esse extraordinário dom, e depois o que Ele faz? Eu juro, pra Seu próprio divertimento, Sua própria comédia privada cósmica dos erros. Ele coloca regras contraditórias. É a piada de todos os tempos. Olhe, mas não toque. Toque, mas não prove. Prove, mas não engula. E enquanto você pula de um pé pro outro, o que Ele faz? Ele ri pra caralho! Ele é um escroto! Ele é sádico! Ele é um proprietário ausente! Adorar isso? Nunca!

Kevin Lomax: - 'Melhor reinar no inferno do que servir no paraíso', é isso?
John Milton: - Porque não? Eu estou aqui no chão com meu focinho desde que a coisa toda começou! Eu nutri cada sensação que o Homem foi inspirado a ter! Eu me preocupei com o que ele queria e nunca o julguei! Por quê? Porque eu nunca o rejeitei, mesmo com todas as suas imperfeições! Eu sou um fã do Homem! Sou um humanista, talvez o último dos humanistas. Quem, em plena consciência, Kevin, poderia negar que o século vinte foi inteiramente meu? Tudo disso aí, Kevin! Tudo disso. Meu. (O advogado do diabo, 2002)

A verossimilhança presente na obra cinematográfica é uma representação simbólica de uma verdade social. O diálogo é metáfora das novas relações entre a base econômica e sua superestrutura. A sociedade se molda a imagem cínica do diabo/capital. Nessa mesma linha de raciocínio a afirmação de Adorno é pertinente: "A unidade visível de macrocosmo e de microcosmo mostra aos homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular." (2002, p.5)

A relação da base econômica com a superestrutura pode inicialmente explicar o distanciamento entre a velha tradição e a nova fórmula/forma social. Para Adorno:

Reduzido a material estatístico, os consumidores são divididos, no mapa geográfico dos escritórios técnicos (que praticamente não se diferenciam mais dos de propaganda), em grupos de renda, em campos vermelhos, verdes e azuis. (2002, p.7)

A fase do consumo transformou o valor humano e reduziu substancialmente o controle da vontade que agora, mais que antes, está nas mãos do mercado. O desejo é artificialmente

produzido, fabricado e invisivelmente imposto. O consumo se tornou uma necessidade em si mesmo. Porque o novo homem-objeto só se completa no artificialmente falso-novo. Produto da máquina, o homem perdeu o poder de decidir, de refletir e já não se reconhece como ativo na construção de sua identidade. É o que está dito no fragmento abaixo:

O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos ‘poderes de derretimento’ da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis, como os estamentos hereditários com sua alocação por atribuição sem chance de apelação. Configuração, constelações, padrões de dependência e interação, tudo isso foi posto a derreter no cadinho, para ser depois novamente e moldado e refeito; essa foi a fase de ‘quebrar a forma’ na história da modernidade inerentemente transgressiva, rompedora de fronteiras e capaz de tudo desmoronar.” (BAUMAN, 2001: p.13)

É emerso nesse processo que a arte, a cultura, a sociedade, o ser social e suas tradições se fragmentaram. O homem se metamorfoseou, e a coisa em que se transformou pode ser facilmente consumível, alienado. Assim, brotam na mídia as mulheres animais, vegetais, frutas, enquanto os homens são facilmente ligados a seus carros importados e sua carteira avolumada. Não é mais ele ou ela, e sim isto ou aquilo. A identidade é valorada a partir de seu poder de apropriação e qualquer coisa pode ser apropriada: sexo, amor, felicidade, desejo, saúde, tempo e espaço. À venda, em qualquer vitrine, estão as ideologias e as crenças. As mais antigas são reformuladas, ganham novos contornos, novos nomes. A doutrina da prosperidade dá contornos substitutiva a doutrina da prosperidade espiritual. O Natal e a Páscoa passaram por esse processo. Não são mais feriados religiosos, mas um emaranhado de relações comerciais e publicitárias inimagináveis: a empresa Coca-Cola associou-se ao natal, deixando na memória coletiva a ligação direta e despercebidamente mercantil da marca com a data comemorativa, enquanto isso a páscoa passou a relacionar seu significado, de forma quase indissolúvel, com a compra dos ovos de páscoa.

Para Bauman “seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da ‘modernidade fluida’ produziu na condição humana.” (2001, p.15). A indústria cultural modificou as mais profundas bases sociais. O dia de finados, por estar ligado substancialmente a questões escatológicas, possivelmente, pôde resistir por mais tempo a essas transformações ocasionadas pela pressão capitalista. Mas homem e sua criação perdem sua identidade. O dia de finados, hoje, é um feriado esperado não como um momento de

resignação e sim de libertação do cotidiano e da rotina. Nesse período são programadas as viagens turísticas da família. Mesmo quando o destino da viagem é a cidade natal, lugar onde estão enterrados os ancestrais, o antigo ritual não é mais seguido. Mais, as frentes dos cemitérios parecem longas feiras medievais com direito a compra e venda de velas e flores e barraquinhas de cachorro quente. Isso tudo acompanhado da enorme balbúrdia dos encontros e reencontros.

INDÚSTRIA-CULTURAL: TRANSFORMAÇÃO DO PARADIGMA

Um dos mais importantes conceitos cunhados e desenvolvidos por Theodor Adorno, a da indústria cultural apenas pode ser entendida se fizermos antes uma contextualização temporal. Com o advento das grandes navegações e o surgimento da sociedade capitalista, as transformações econômicas modificaram o paradigma social, político e cultural. A Idade Média alicerçada na ortodoxia católica veria o nascimento da Modernidade, agora calcada no lema “liberté, égalité, fraternité” (liberdade, igualdade e fraternidade). Ideais do iluminismo levadas a cabo pela Revolução Francesa. O desenvolvimento dessa sociedade orgulhosa de sua democracia não contava com um golpe que partiria de dentro para fora. A democracia capitalista provou-se tão totalitária quanto os antigos regimes. A Revolução Industrial foi tão sangrenta e desumana quanto os governos czaristas ou as cruzadas religiosas. As buscas desenfreadas pelo lucro moviam as engrenagens da máquina econômica –o que justificava, por exemplo, o trabalho desumano de crianças e mulheres nas fábricas inglesas – , e assim, nasce o poder de transformar homens em produtos.

Os palácios colossais que surgem por toda parte representam a pura racionalidade sem sentido dos grandes cartéis internacionais a que já tendia a livre iniciativa desenfreada, que tem, no entanto, os seus monumentos nos sombrios edifícios circundantes – de moradia ou de negócios – das cidades desoladas. (ADORNO, 2002, p.05)

No séc. XX, as nações e suas classes menos favorecidas conheceram o apogeu da opressão e da desumanização através do desenvolvimento de modernos aparelhos ideológicos e repressivos do Estado. No século XXI as novas estruturas de poder, de certa forma, deixaram de promover ditadores, mas conceberam o que passamos a denominar de

totalitarismo difuso. O advento das tecnologias aproximou ainda mais os homens das máquinas, ao mesmo tempo em que afastou os homens dos homens. A individualização professada pela globalização do capital foi reduzida a números de IP's (protocolos de internet) dificilmente diferenciados uns dos outros. Para essa “sociedade da técnica”, o séc. XXI terminou, por fim, concretizando a profecia contrária: “O desejo se torna seu próprio propósito, e o único propósito não-contestado e inquestionável” (BAUMAN, 2002, p.86). Contudo, Adorno alerta:

O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se autor-aliena. (2002, p.6)

A indústria cultural substituiu a criação doméstica e artesanal pela produção industrial degradável. É, conceitualmente, a ferramenta do capitalista com a função fundamental de criar demanda. “A indústria, adapta-se aos desejos por ela evocados” (ADORNO, 2002, p.16).

O surgimento de um novo tipo de comércio, a teologia da prosperidade, apenas atesta a assombrosa força do capitalismo em derrubar qualquer muro solidamente fincado no chão. O temor de uma nova colonização não está na esfera pública e sim na privada. Um fragmento da obra *Modernidade Líquida* nos oferece um melhor entendimento sobre o tema:

Esperava-se que o perigo viesse e os golpes fossem desferidos do ‘lado público’, sempre pronto a invadir e a colonizar o ‘privado’, o ‘subjetivo’, o ‘individual’. Muito menos atenção – quase nenhuma – foi dada aos perigos que se ocultavam no estreitamento e esvaziamento do espaço público e à possibilidade da invasão inversa: a colonização da esfera pública pela privada. E, no entanto, essa eventualidade subestimada e subdiscutida se tornou hoje o principal obstáculo à emancipação, que em seu estágio presente só pode ser descrita como a tarefa de transformar a autonomia individual de jure numa autonomia de facto. (BAUMAN, 2002, p.62)

Essa colonização inversa é fruto de múltiplos esforços para evacuar o espaço público. O fim do sistema Panóptico, ou seja, a queda dos últimos grilhões que mantinham o homem vinculado ao poder concentrado, que tinha como maior representante o Estado Soberano dentro de suas fronteiras, foi ferido mortalmente pelo advento das tecnologias multiespaciais: os celulares, a internet, os IPODs. Por fim, as redes sociais foram o golpe de misericórdia nas

últimas fundações que ainda estavam por desmoronar: a das relações humanas. A quinada pós-moderna pôs fim a revolução Romântica.

Outro importante estudo acerca do legado da modernidade pode ser encontrado na obra *Modernidade e desencantamento*, de André Berten, que oferece um panorama das principais contribuições da teoria nietzschiana, werberiana e foucaultiana. O trecho abaixo explica o niilismo que tomou conta do pensamento e do discurso pós-moderno, tentando contextualizar historicamente a atual problemática social:

Desde o fim do século XVIII, o discurso da modernidade tratou apenas, sob nomes que mudam, sobre um único assunto. É um discurso que trata da paralisia dos laços sociais, da privatização e da desunião, ou seja, destas deformações da prática cotidiana unilateralmente racionalizada que, por sua vez, suscitam a necessidade de um equivalente, um substituto da potência unificadora que representa a religião. (HABERMAS apud BERTEN, 2011, p.21)

A descrença no presente é o resultado de toda uma perda de valores que culminam na liquefação de valores iniciada na modernidade. O papel da indústria cultural, a máquina que transforma a arte em objeto consumível, alienável e descartável, é, desde o princípio, o de avidamente desconstruir a percepção de mundo e das crenças do indivíduo. Papel que tem realizado com sucesso. A consequência é que “as pessoas do nosso tempo, observou Albert Camus, sofrem por não serem capazes de possuir o mundo de maneira suficientemente completa”. (BAUMAN, 2002, p.96)

REDEFINIÇÃO DO DIA DE FINADOS

Todos os feriados religiosos sofreram algum tipo de mudança ocasionada pelas exigências da globalização do consumo. Foi assim com o Natal e com a Páscoa, mas é espantoso que aconteça com um feriado tão enraizado no escatológico. Sobre o tema escreveu André Berten:

Um dos diagnósticos mais penetrantes foi formulado por Nietzsche: é a suspeição de que o destino de nossa história ocidental seja o ‘niilismo’, isto é, a ausência de sentido e de valor. Como se sabe, este diagnóstico está ligado à análise da ‘doença do Ocidente’ e à sua catástrofe mais íntima: a morte de Deus, e, em consequência dela, o desmantelamento de toda moral tradicional. (2011, p.22)

A tradição cristã ainda tão presente na zona rural perde sua força na medida em que a própria zona rural é colonizada pelo urbano. O legado herdado da modernidade foi o dos alicerces movediços. É o que podemos ler abaixo:

Se o ‘espírito’ era ‘moderno’, ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da ‘mão morta’ de sua própria história – e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune ao seu fluxo). Essa intenção clamava, por sua vez, pela ‘profanação do sagrado’: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo da ‘tradição’ – isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente; clamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à liquefação. (BAUMAN, 2001, p.9)

Isso deixa claro o porquê das tradições religiosas terem sofrido o impacto no derretimento dos sólidos, o moderno “eu”, instável por definição, é a maior conquista da pós-modernidade, manequim volátil pronto para vestir bem qualquer produto do mercado, criando com o objeto uma proximidade familiar de inversão de identidade.

Em outra obra de importante contribuição teórica, o escritor Terry Eagleton discorre sobre as distorções do mundo novo e outras questões fundamentais. Assim raciocina Eagleton, na obra *Depois da Teoria*, sobre o capitalismo:

No espírito generosamente humanista do poeta antigo, nada do que é humano é estranho a esse sistema. Em sua caça ao lucro, viaja qualquer distância, aguenta qualquer privação, mora com os companheiros mais insuportáveis, sofre as mais abomináveis humilhações, tolera papel de parede mais próximo. (2011a, p.35)

O capitalismo é “que é desinteressado, não os acadêmicos” (EAGLETON, 2011a, p.35) e assim “prospera rompendo fronteiras e abatendo vacas sagradas. Seu desejo é insaciável e seu espaço, infinito. Sua lei é zombar de todos os limites, o que resulta em não se poder diferenciar entre lei e criminalidade.” (EAGLETON, 2011a, p.35). Por fim, sobre o fenômeno da morte, Eagletonajuíza que “o mundo antigo acreditava que sua ordem social teria que ser cimentado pelo sacrifício, e estava perfeitamente correto. Só que tendia a ver tal sacrifício em termos de libações e bodes degolados, ao invés de uma estrutura de autodoação recíproca.” (EAGLETON, 2011a, p. 285). Já no mundo pós-moderno a tradição religiosa

termina por sucumbir à voracidade do sistema capitalista. Arremata Terry Eagleton, o capitalismo “em sua caça ao lucro, viaja qualquer distância, aguenta qualquer privação, mora com os companheiros mais insuportáveis, sobre as mais abomináveis humilhações, tolera o papel de parede do mais extremo mau gosto e alegremente trai seu parente mais próximo.” (2011a, p.35).

O dia de finados se tornou mais uma reprodução do local midiática de promoção mercadológica. Sua transformação não é desinteressada, mais, faz parte de toda uma programação econômica de criação e exploração de novos mercados. Essa nova agenda de derretimento, como podemos ler no fragmento abaixo, ocupou-se do humano e de sua desumanização:

A desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva, é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como ‘efeito colateral’ não previsto da nova leveza e fluidez do poder, cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo. Mas a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a desmanchar tais redes em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esse derrocar, a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanos que permitem, que esses poderes operem. (BAUMAN, 2001, p.21)

Por isso perdemos o controle sobre a emancipação. “O que está errado com a sociedade em que vivemos, disse CorneliusCastoriadis, é que deixou de se questionar.” (BAUMAN, 2001, p.30). Na verdade, ela foi submetida ao controle do mercado como um marujo a uma sereia. E observe que não necessariamente o marujo está infeliz por causa de sua escolha mortal. O indivíduo pós-moderno age como o marujo que se deita sobre o mar para abraçar finalmente, satisfeito com sua condição, sua sepultura. “A individualização é uma fatalidade, não uma escolha” (BAUMAN, 2001, p.43). Por isso que a morte e todas as suas liturgias se tornaram tão banais, e seus resultados tão efêmeros. “É verdade que, numa sociedade que negocia futuros, os lírios do campo são dignos de imitação, embora seja difícil saber como seria viver como um lírio.” (EAGLETON, 2011a, p.282)

O impulso que mantém as engrenagens em movimento é o do consumo. Esse é o novo arquétipo que anima a vida. Leiamos abaixo:

O que quer que façamos e qualquer que seja o nome que atribuamos à nossa atividade, é como ir às compras, uma atividade feita nos padrões de ir as compras. O código em que nossa ‘política de vida’ está escrito deriva da pragmática do comprar. (BAUMAN, 2001, p.87)

E não há de se contestar as semelhanças entre um dia de compras e os dias de finados. Até porque nos dois casos uma mesma constante passou a incidir sobre eles: o “querer”. O “querer” impulsiona o indivíduo em direções fluidas, já que qualquer caminho que se deva seguir leva o indivíduo à inconstância, paradigma o qual ainda não se acostumou.

A história do consumismo é a história da quebra e descarte de sucessivos obstáculos ‘sólidos’ que limitam o voo livre da fantasia e reduzem o ‘princípio do prazer’ ao tamanho ditado pelo ‘princípio da realidade’. A ‘necessidade’, considerada pelos economistas do século XIX como a própria epítome da ‘solidez’ – inflexível, permanentemente circunscrita e finita – foi descartada e substituída durante algum tempo pelo desejo, que era muito mais ‘fluido’ e expansível que a necessidade por causa de suas relações meio ilícitas com os sonhos plásticos e volúveis sobre a autenticidade de um ‘eu íntimo’ à espera de expressão. Agora é a vez de descartar o desejo. Ele sobreviveu a sua utilidade: tendo trazido o vício do consumidor a seu Estado presente, não pode mais ditar o ritmo. Um estimulante mais poderoso, e, acima de tudo, mais versátil é necessário para manter a demanda do consumidor no nível da oferta. O ‘querer’ é o substituto tão necessário; ele completa a libertação do princípio do prazer, limpando e dispondo dos últimos resíduos dos impedimentos do ‘princípio de realidade’: a substância naturalmente gasosa foi finalmente liberada do contêiner. (BAUMAN, 2001, p.89)

O novo espaço do religioso e conseqüentemente do dia de finados está ligado a esse “querer” incessantemente ofertado pela indústria cultural. Os dias de finados na pós-modernidade são marcados pelas enormes feiras na frente dos cemitérios e pelas grandes celebrações filmadas e reproduzidas pela mídia; missas e procissões que mais parecem “shows” de bandas internacionais e mesmo “shows” de padres “pop stars”.

Mesmo as igrejas tornaram-se grandes picadeiros sempre dispostos a vender algo: um emprego, um casamento, uma família, um futuro, paz. A morte, um assunto tão pesado para os modernos teve de ser liquefeito para assim se amoldar ao novo paradigma e ao novo indivíduo. “Em nossos tempos modernos, com Deus em prolongado afastamento, a tarefa de projetar e servir à ordem cabe aos seres humanos.” (BAUMAN, 2001, p.66)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O dia de finados foi transformado em dia comercial assim como a Páscoa e o Natal. Assim, podemos dividir o empreendimento capitalista em duas partes: a primeira é histórica, o derretimento dos sólidos, ou seja, das tradições e morais cristãs ocidentais; a segunda faz referência à forma ou técnica usada para disseminação das bugigangas personificadas e do novo “eu” reificado e descartável.

“A igreja de São Pedro de Seaford, em EastSussex, na Grã-Bretanha, está vendendo seu silêncio”, essa reportagem foi noticiada recentemente na mídia internacional. Apesar de não ser historicamente uma inovação, a Igreja Católica do século XIII vendeu indulgências e terras no céu, essa matéria sinaliza, diferentemente do que acontecia na Idade Média, para um novo paradigma. Neste século, a comercialização do silêncio do mosteiro São Pedro de Seaford e, mais ainda, o sucesso de vendas desse empreendimento, são a marca da fragmentação e do derretimento dos sólidos mais antigos. Além disso, aponta para a nova relação entre a religião e o capital. Na pós-modernidade surge quase que de forma imensurável uma difusão de novas igrejas replicantes da dogmática ao avesso. Com a ajuda dos meios de comunicação, seus proprietários se tornam donos de redes televisivas e de multinacionais, confundindo seu patrimônio com um projeto mercadológico de lucro através da manipulação da fé. Aberrações como essa não são tão incomuns, na verdade, shows de bênção, missas de cura, cultos que prometem melhorar as relações, a vida amorosa e profissional são propagandas diárias.

As igrejas tornaram-se verdadeiros templos do consumo e “dentro desses templos, os compradores/consumidores podem encontrar, além disso, o que zelosamente e em vão

procuram fora deles: o sentimento reconfortante de pertencer – a impressão de fazer parte de uma comunidade.” (BAUMAN, 2001: p.116). O desmoronamento dos valores humanos antigos e sua liquefação em miscíveis mais fáceis de reificar despromoveu o sentimento de encontro do indivíduo. O homem é hoje, mais que nunca, um animal solitário. Por isso os dias de finados, como outras datas religiosas, estão se descaracterizando. O homem foi coisificado, suas crenças enlatadas e seu Deus morto para dar lugar à indústria do lazer, da política, das crenças e das relações interpessoais.

A indústria cultural é esse instrumento com feição animalesca que a tudo devora para depois vomitar. Um vômito descartável e que, inacreditavelmente, vende, pois é para o indivíduo reificado sua identidade enlatada. Como afirmamos no início desse trabalho, o Dia de Finados é o laboratório no qual podemos, mais claramente, enxergar as distorções causadas pelo paradigma pós-moderno. Como lugar e tempo primordial (o Dia de Finados), já que aflorado medo e do respeito universal e atemporal da morte, o desmoronamento desse alicerce é significativo e demonstra substancialmente o quanto o privado colonizou o público.

As amarras do Estado foram soltas, mas apesar do fim do totalitarismo estatal, outros meios de manipulação se mostraram mais eficientes. O capitalismo promoveu a extinção dos sólidos e a revolução dos líquidos. A indústria cultural reificou o “homem” ao mesmo tempo em que o fetichismo reordenou o lugar de importância dos “objetos”, ambos descartáveis. Assim, os valores, cerimônias e tradições, como o dia de finados, foram reformulados e adequados ao novo paradigma para que pudessem ser etiquetados e vendidos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BAUMAN, Zigmunt. (2011). Fronteiras do Pensamento. Edição 2011. Entrevista com o filósofo polonês Zygmunt Bauman para o Fronteiras do Pensamento, apresentada na ocasião do O PÚBLICO E O PRIVADO NAS REDES SOCIAIS: REFLEXÕES SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN Cristiane Koehler (PGIE/UFRGS) Marie Jane Soares Carvalho (PGIE/UFRGS) - 11 - encontro com o pensador francês Edgar Morin, em 08/08/2011, Porto Alegre-RS, com acesso em 18 jul 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COLLIN, Denis. Compreender Marx. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BERTEN, André. **Modernidade e desencantamento**: Nietzsche, Weber e Foucault.
- EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Tradução Matheus Correia. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro I. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro II. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.